

Vrááá! A dança com leque de plumas no burlesco

Vrááá! Feather fans dance in burlesque

Ana Carolina Castro Malcher¹

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis/SC, Brasil

E-mail: anitamalcher@gmail.com

Almir Ribeiro²

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis/SC, Brasil

E-mail: almir.ribeiro.usp@gmail.com

Resumo

O leque de plumas é um objeto imemorial presente não apenas na arte, mas na história da humanidade. Dentro do teatro burlesco sua função é ocultar para, em seguida, revelar. Assim, o leque assume um papel de síntese do próprio jogo burlesco, cujo próprio nome define sua linguagem: a *burla*. Associada a essas questões de linguagem, este artigo coloca seu foco principal sobre as questões históricas da nudez feminina sobre o palco. E como território de reflexão e experimentações, trago minha experiência pessoal, de uma linhagem de três gerações de artistas mulheres, em Belém do Pará. A partir dessa conjunção de temas sobre a qual havia me debruçado em minha dissertação de mestrado, avancei alguns passos para questionar a contemporaneidade dessas reflexões no cotidiano de uma artista burlesca – com leques nas mãos – em nosso país. E também discutir: Ainda existe algo para ser revelado na dança com leques de plumas no burlesco?

Abstract

The feather fan is an immemorial object present not only in art, but in human history. Within the burlesque theater its function is to hide and then to reveal. Thus, the fan assumes a role of synthesis of the burlesque game itself, whose very name defines its language: the *burla*. Associated with these language matters, this article places its main focus on the historical issues of female nudity on stage. And as a territory for reflection and experimentation, I bring my personal experience, from a lineage of three generations of women artists, in Belém do Pará. To question the contemporaneity of these reflections in the daily life of a burlesque artist – with a fan in her hands – in our country. And also to consider: Is there still something to be revealed in dancing with feather fans in burlesque?

Palavras-chave

Burlesco. Dança com leque de plumas. Mulheres artistas. Provocação. Decolonial.

Keywords

Burlesque. Feather fans dance. Women artists. Tease. Decolonial

¹ Artista burlesca e pesquisadora, formada em Licenciatura em Dança pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e mestra em teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) com a pesquisa *Vráá! Um leque de possibilidades: o uso do leque de plumas no burlesco*. Se debruça sobre a Belle Époque no Brasil e suas influências para a arte do Burlesco. Também é conhecida como “A vedete alada da Amazônia”. Encontrou no burlesco um leque de possibilidades criativas, onde dialoga e reinventa sua experiência como mulher e artista da Amazônia.

² Almir Ribeiro é pedagogo, diretor teatral, professor e pesquisador em Arte e Educação. É pós-doutor em Letras pela Universidade do Porto (Portugal) e pós doutor em Artes Cênicas pela USP (São Paulo). É doutor em Artes pela USP e mestre em Artes Visuais pela UFRJ. Possui especialização em Filosofia pelo UBM (Volta Redonda, RJ) e foi graduado em Pedagogia pelo Instituto Izabel (RJ). É ator formado pela CAL (RJ). Almir Ribeiro há 35 anos pesquisa as tradições de artes cênicas orientais, e em particular as manifestações clássicas do sul da Índia. FÉ colaborador do projeto Mapping Dreams de estudos utópicos da Universidade do Porto. Em 2018 trabalhou em convênio com o IFICT (Instituto de Formação, Investigação e Criação Teatral), em Lisboa, onde fez palestras e encenou o espetáculo *Vertigo* (2018). É autor de “*Natya, Teatro Clássico da Índia*” (ed. Perspectiva, 2022) e “*Depois de Isadora Duncan Nunca houve Tanto Mar*” (ed. Giostri, 2019).

1. Introdução: O Leque

O leque de plumas é um objeto imemorial presente na história da humanidade. Seu primeiro registro como elemento de uma dança solo feminina no burlesco data de 1930, na cidade de Nova York, onde uma mulher brincava de velar e desvelar seu corpo com grandes leques de plumas enquanto a plateia teria o tempo de uma música para descobrir se ela estava nua ou não. Essa apresentação desafiou as leis impostas à nudez feminina no período e esse ato se popularizou entre outras artistas de burlesco nas décadas seguintes. Posteriormente, influenciou o burlesco que é feito no Brasil na contemporaneidade. Esse artigo tem como ponto de partida minha dissertação de mestrado pela Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC). Em minha pesquisa, busquei fazer um mergulho sobre a história do leque no burlesco e trazer algumas atualizações sobre esse elemento cênico, mais especificamente o leque de plumas, e seus usos no passado e no Brasil atual.

Esse levantamento histórico, acompanhou uma reflexão sobre a arte de velar, desvelar, provocar (*tease*), característica do burlesco. Nesse artigo pretendo avançar para algumas outras questões para reflexão, como por exemplo: A dança com leques de plumas ainda tem algo para nos revelar atualmente? O que ainda há para ser descortinado nessa arte? E qual o seu significado na contemporaneidade? São perguntas que nortearão essa reflexão.

2. O Burlesco

O burlesco como verbo pode ser entendido como paródia, exagero, mas como substantivo tem sido associado a espetáculos que contém variedade, comédia, e etc (Weldon, 2010, p.10, tradução nossa). O burlesco também é a arte da burla, uma estratégia de criação cênica. Para Giorgia Concei-

ção³:

Há um corpo a ser burlado. A burla, aqui, é um percurso do corpo na tentativa de operar a partir de suas dores, de suas marcas, de seus entraves. Mas também de suas alegrias, descobertas e invenções. Burlar, em certa medida, é rir, e é preciso malícia para rir de si sem piedade. Estranhar-se (Conceição, 2013, p. 13).

A partir de 1930, o leque de plumas foi associado ao burlesco por apresentações que aconteciam em espaços de variedades como: circo, tendas, teatros de variedades e cabarés. Nos Estados Unidos dos anos 30 era proibido a mulher ficar nua em cena e em movimento⁴. Mas, ela poderia ficar parada, como se estivesse posando para um artista. Logo, a dança com leques no burlesco brincava com isso, enquanto a artista estava em movimento o leque cobria o seu corpo, e quando ela ficava parada, ela o mostrava. Como um ser alado, sobrevoando o preconceito, os limites impostos à mulher e às regras vigentes da época. Essa dança despertou curiosidade e se perpetuou através dos tempos até os dias atuais.

Contudo, o leque de plumas não foi usado pela primeira vez em um palco burlesco. No passado ele era utilizado no teatro de revista nos quadros *Fantasia*, a intenção desse quadro era fazer o público se transportar para lugares fantasiosos e exóticos (Veneziano, 1996). No artigo do pesquisador Helmut Schindler do Staatliches Museum, em Munique, ele

3 Giorgia Conceição (Miss G) é artista burlesca, pesquisadora, terapeuta corporal e uma das principais responsáveis pela disseminação do burlesco no Brasil. Mestre pela UFBA com a pesquisa *A Burla do Corpo: Estratégias e políticas de criação*, sendo esta pesquisa pioneira sobre burlesco no Brasil.

4 O corpo nu em movimento era proibido, com risco de prisão ou multa. Dentro desses espetáculos era comum ter mulheres seminuas em coro, executando quadros de *tableaux vivant*, onde as artistas posam em cena como se estivessem em uma fotografia ou uma pintura de cunho mitológico. Artistas burlescas e naturalistas brincavam com o limiar desta lei neste período (Malcher, 2021).

nos conta sobre um registro mais antigo ainda do leque sendo usado por dançarinos no passado: “Mas já no ano de 1644, Tomamaso Borgione desenhava em Turim fantasias de índios e punha leques de penas nas mãos de dançarinos (Honour, 1975, p.103, f.XVI), como mostra o desenho na Biblioteca Nazionale” (Schindler, 2001).

A história e as origens do leque de plumas é incerta, o leque é um elemento imemorial que têm-se registros em várias partes e culturas no mundo. Existem diversos tipos de leque, desde papel, cestaria, trançados, com seda, plumas e penas. Leques que podem ser fixos ou dobráveis.

A pesquisadora Phd do Minnesota, Moira Harris em seu artigo: “Fan my brow with a Feather: Form, function, and fashion in Minnesota”, relata que o leque dobrável foi criado no Japão no século VII por artesãos inspirados na forma como os morcegos dobram suas asas (Harris, 2014, p.137, tradução nossa). Há relatos do leque de plumas na antiguidade clássica, na Grécia e em Roma, e também dentro da igreja católica existe um leque de plumas chamado de *flabellum*, utilizado em rituais até hoje (Rhead, 1910, p.88).

Provavelmente o uso e a popularização maior do leque de plumas no teatro⁵, com as vedetes, se deu a partir do século XIX. Em 1860 a França começa a criar avestruzes em cativeiro garantindo o abastecimento de penas (Schindler, 2001). Creio que o leque de plumas se tornou ainda mais popular a partir do ano de 1923, ano em que foi aberta a tumba de Tutankhamon, e em sua tumba foi encontrado um leque de plumas e outros objetos que datavam de 14 a.C (Harris, 2014, p.138).

Adentrei nessas e em diversas histórias relacionadas ao leque, suas funções históricas, sociais,

religiosas, na moda, nas artes da cena. Sendo cada uma dessas possibilidades uma porta que abri e me encantei com um mundo extenso e infindável de possibilidades. A princípio minha vontade era contar a história do leque até chegar no burlesco, mas vi que seria humanamente impossível! Ao perceber isso e lidar com o luto de não conseguir realizar o que eu queria, depois, renasci pensando que essa seria a pesquisa da minha vida e que iria me demorar e me divertir para sempre com esse tema, mas que para o mestrado eu precisava fazer um recorte.

E o meu recorte seria a minha história com os leques, através dos ensinamentos da minha família até chegar na arte do burlesco. Ao chegar especificamente na arte da burla com os leques de plumas eu mergulharia nessas histórias para trazer algumas pérolas que envolviam essa arte. Pérolas que envolvem os nossos imaginários até hoje sobre a mulher que vela e se desvela com o leque de plumas. Que faz voar a imaginação de quem assiste.

Não é somente o erótico, o sensual dentro dessa dança que possui uma dramaturgia única. Tem algo que toca as pessoas em profundidade, a mulher que dança com os leques voa pelo palco, pela noite, pelos bares e o ato de voar também faz ela voar através dos tempos na nossa imaginação. Um anjo que quando olhamos, nos inspira a liberdade. O vôo que liberta também é o voo que nos lembra da brevidade da vida.

3. Sally Rand e a Polêmica como Linguagem

Uma figura muito interessante no burlesco, que criou várias histórias e possibilidades na vida com os seus leques de plumas era Sally Rand, seu nome era Helen Gould Beck (1904-1979). Era uma mulher de origem humilde, nasceu em Ozarks, nos Estados Unidos. Quanto mais você estuda sobre Sally Rand, mas percebe que ela pode te surpreender a cada movimento, vejo essa artista como uma contadora de histórias dentro e fora do palco, ela criou um mito sobre si mesmo e esse mito incorpora

5 Um leque de penas ou plumas antes de 1860 já era muito popular, mas enquanto um artigo raro entre rainhas, elites e as cortesãs de luxo. Provavelmente ao ser utilizado em quantidade em espetáculos antes de 1860 dava a notoriedade do investimento da produção, trazendo glamour, riqueza e causando burburinho como um espetáculo rico, especial e para as elites.

o arquétipo da mulher que abre suas grandes asas, voa e luta com garra pelo que quer. Sua história foi perpetuada dentro da comunidade burlesca.

Sally Rand queria ser atriz de cinema, mas entre altos e baixos buscando essa carreira, o seu ponto mais baixo foi em 1933, ela estava em Chicago e passando dificuldades financeiras. Ao ler o jornal, respondeu a um anúncio para trabalhar como *stripper* em uma boate.

Ela respondeu a um anúncio no jornal sobre "dançarinos e exóticos", um eufemismo educado para strippers, no Paramount Club (ou Club Paramount). Sally tinha vinte e oito anos de idade e não era ingênua. Quantas vezes mais ela poderia se reinventar? Foi um novo ponto baixo. Sally disse mais tarde que era isso ou "prostituição". [...] Maybelle Shearer era uma atriz e uma das principais lojas de Chicago, especializada em roupas de dançarina, com contas no clube Chez Paree e no Chicago Theatre. Era nessa loja que Sally espiava um conjunto de grandes leques cor-de-rosa feitos de penas de avestruz, negligenciados e acumulando poeira. Os leques de um metro e oitenta e quatro de Sally custam dez dólares, uma pequena fortuna para ela (Zemeckis, 2018, p. 121, tradução nossa).

Ela conseguiu o trabalho no *Club Paramount*, como novata ela seria a primeira a se apresentar naquela noite. Consigo imaginar o nervosismo dela fazendo algo pela primeira vez e sendo a primeira artista a se apresentar. Ela comprou os leques de plumas empoeirados e correu para terminar o seu figurino, mas sem sucesso. Ela teve que usar os seus leques como seu próprio figurino. A música que escolheu para se apresentar foi *Clair de la Lune*, de Claude Debussy, uma música que ela dançou muitas vezes na sua vida. Os autores e pesquisadores burlescos como Leslie Zemeckis⁶ afirmam que essa sua primeira apresentação teria sido desastrosa, mas que ela se manteve firme e insistia.

Naquele mesmo ano, em 1933 haveria em Chicago a feira mundial de verão. Nesse ponto dois autores contam versões diferentes de como Sally Rand conseguiu adentrar a feira mundial. Zemeckis diz

6 Leslie Zemeckis é autora de três *best-sellers* que contam as histórias do burlesco americano. Também é atriz e documentarista premiada.

que na noite de inauguração Rand se vestiu⁷ de Lady Godiva e atravessou a feira, chamando atenção de todos e criando curiosidade, mostrada na **Figura 1**. Sua ousadia estava nos jornais do dia seguinte e todos queriam saber quem era e onde estava Lady Godiva, ela iria voltar a feira? O autor Jim Lowe⁸ em sua obra nos diz que Rand conseguiu os contatos certos e assim, conseguiu uma apresentação como Lady Godiva no jantar de pré-estréia da feira mundial, e assim conseguiu abrir a porta que lhe traria grande notoriedade posteriormente.

Figura 1 – Sally Rand de Lady Godiva



Fonte: Imagem do livro *Barefoot to the chin* (Lowe, 2018, p.196).

Ela foi contratada para se apresentar no *Café de la Paix*, esse espaço era uma rua em homenagem a Paris na feira de Chicago. Logo ela seria presa pela polícia por essa apresentação, e solta, e presa novamente e solta, e ao final, se acostumou. Sua prisão era por conta da nudez na dança, que

7 Ou se despiu? Ela atravessou o evento de inauguração da feira mundial montada em um cavalo, com uma peruca de 1,20 e com seus enormes leques de plumas.

8 Jim Lowe é ex-editor da Câmara dos Representantes da Flórida, ex-editor da revista *The Videophile* e estudante de cultura popular.

era proibida. Mas em um certo momento, Rand percebeu que sua prisão e a ação da lei chamava mais atenção para si e a sua dança com leques. Havia um medo de que a nudez fosse exorcizada da feira mundial e isso tornava as filas para o seu espetáculo ainda maiores. Somente no primeiro mês, mais de 70.000 pessoas assistiram sua apresentação.

Sally Rand se tornou uma das performers burlescas mais famosas da América, principalmente por seus atos “nua” com leques de plumas ou uma bolha gigante. Rand não foi a primeira ou a única dançarina de leque, mas ela teve uma grande rivalidade com a ex-Earl Carroll e a dançarina de Ziegfeld, chamada Faith Bacon que afirmava ser a criadora e a primeira a dançar com os leques de plumas escondendo a nudez. Essa batalha durou anos e explodiu na imprensa quando as duas mulheres foram escaladas para se apresentar na feira Mundial de Chicago de 1933. Bacon processou Rand em 1938 e tentou proibi-la de dançar. Sally respondeu dizendo “A ideia do leque de plumas é tão antiga quanto Cleópatra, e daí? Ela não pode me processar por isso”. Ela citou o ciúme de Bacon sobre o sucesso de Rand e acrescentou: “o público já decide de qual de nós gosta mais”. O fato é que Faith Bacon dançou com os leques de plumas antes de Sally, mas Rand assumiu os holofotes e se tornou a mais querida. A carreira de Rand superou a de Bacon em mais de 30 anos (Scott, 2019, p. 71, tradução nossa).

Sally Rand foi reverenciada posteriormente conforme os anos foram passando, ela costumava dizer: “é a mesma música, os mesmos leques e a mesma nádega” (Zemeckis, 2018, p. 269). Como o tempo chega para todas as pessoas, chegou para Sally Rand que se tornou uma doce senhora curiosa, que por sinal, continuava a se apresentar com burlesco. Ela foi cuidando da sua imagem no palco, reduzindo a luz, usando perucas, usando o que as meninas jovens usavam, sempre despistando a sua idade em cena. Podemos vê-la se apresentando aos setenta anos de idade na **Figura 2**.

Figura 2 - Sally Rand aos setenta anos



Fonte: Imagem do Livro *Feuding Fan Dancers* (Zemeckis, 2018, p.272)

A autora Zemeckis conta uma história interessante sobre Rand manipular sua imagem na cena. Certa vez, um jornalista assiste ela no palco e encantando ao final da apresentação corre até o seu camarim e bate na porta, e leva uma grande surpresa ao abrir a porta, uma senhora de setenta e poucos anos. Ao vê-lo desconcertado ela lhe diz: “tudo ilusão”.

4. As primeiras pesquisas pessoais no burlesco

As minhas primeiras pesquisas com burlesco se iniciaram em Belém, no Pará. Eu fazia apresentações de performances com leques e gostava de trazer elementos mitológicos da Amazônia e misturar com a estética da belle époque. Eu observava as linhas sinuosas da arquitetura em Belém, misturadas com o balançar das mangueiras e toda a mitologia

escondida em cada detalhe. Esses detalhes me inspiraram em meus primeiros períodos da faculdade de Licenciatura em Dança.

Quando eu me apresentava e trazia essas experimentações para cena, algumas pessoas mais velhas na platéia, após a apresentação vinham conversar comigo e falavam das artistas francesas burlescas que se apresentavam na Amazônia no período da Belle Époque. Quando eu perguntava mais sobre esse assunto recebia silêncios, que despertavam a minha curiosidade. E foi a partir disso que minha curiosidade pelo burlesco nasceu e depois sobre as histórias dessas mulheres nas artes da cena.

Principalmente porque vim de uma família de mulheres artistas, homens também. Mas foram as mulheres que me ensinaram a dança, a paixão pelo teatro, por contar histórias e a arte dos leques. Desde fazê-los, até esconder, revelar e a poesia escondida na esquina do corpo por trás de cada olhar, de cada gesto. Na **Figura 3** isto é evidenciado pela autora utilizando Leques de Plumas de sua própria confecção, utilizando plumas presenteadas pela sua avó.

Figura 3 - A autora e leques feitos por ela com plumas da avó. Performance em 2023.



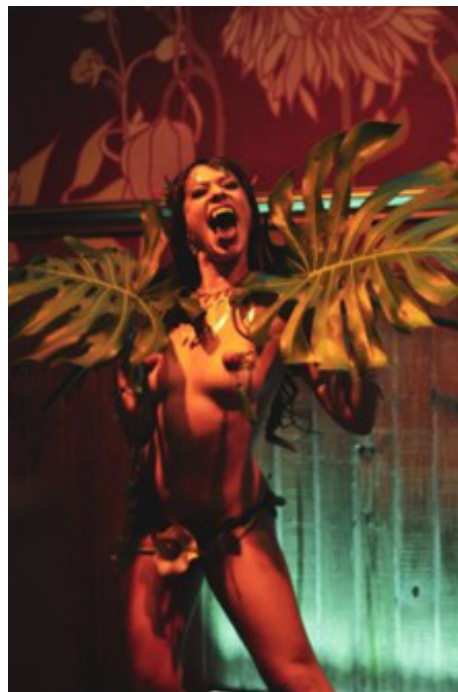
Fonte: Registro feito por Michele Quadros. Arquivo pessoal da autora.

Ao adentrar no mestrado na universidade do estado de Santa Catarina, minhas fontes de pesquisa sobre a dança com leques no burlesco eram na maioria textos estrangeiros, europeus e americanos. As disciplinas do mestrado e a orientação me fizeram perceber que eu tinha em mãos uma inesgotável fonte de informações e que talvez a pesquisa dovesse começar a partir da minha família e expandir,

como um leque⁹. E desde então, essa pesquisa segue revelando outros leques de possibilidades, dentro de outro leque e suas possíveis burlas.

Observando a cena contemporânea percebo que o leque nem sempre é um leque na cena. Vejo várias possibilidades, tudo pode vir a ser um leque, desde livros, caixas de pizza, pneus, cascas de sorvete, folhas de costela de Adão, enfim! Muitas possibilidades para além de um leque de plumas ou um elemento cênico leque na cena burlesca. Por exemplo, no caso da artista Rubia Romani (Ruby Hoo)¹⁰ que usa duas folhas da espécie Costela de Adão (*Monstera Deliciosa*) como se fossem leques. Nessa performance a artista brinca com o mito da criação da mulher, dançando com duas costelas de Adão, como pode ser visto na **Figura 4**.

Figura 4 – Ruby Hoo performando com as costelas de Adão



Fonte: Registro por Psicodelooks. Evento Tropicallesco em Curitiba/Paraná, 2020.

9 A ideia da dissertação não ter capítulos, mas sim ser dividido como se fosse as hastes de um leque foi ideia de uma grande amiga, artista burlesca, pesquisadora e referência dessa arte no Brasil, Miss G (Giorgia Conceição).

10 Rubia Romani é a persona burlesca Ruby Hoo, um dos grandes nomes do burlesco brasileiro na vertente do Neo Burlesco e o drag king Rubão, maior responsável por difundir essa expressão artística no país por meio de oficinas, festas, calendários e projetos multiáreas. É multiartista e também é formada em artes cênicas.

Em cena o que mostra a representação do leque é todo o jogo de cintura da performer, que brinca com a imaginação, cria ilusões e narrativas fantásticas com a sua criatividade e dança desse leque *devir*. Os símbolos e os movimentos já consagrados dentro do nosso imaginário da dança com leques estão dentro dessas novas experimentações, vejo como uma burla do próprio elemento cênico já consagrado.

Também realço que a tecnologia e a globalização nos dão mais acesso aos processos de produção e outros materiais, logo sabemos o quão doloroso e terrível é o processo para arrancar as plumas dos avestruzes e você percebe que prefere ver elas nos animais do que nos seus leques. E hoje há um leque de possibilidades de materiais que não são de origem animal que podem ter um efeito similar ou parecido. Como por exemplo, o leque mostrado na **Figura 5** é uma pesquisa pessoal minha de materiais que não tem origem animal, mas visualmente tem o efeito similar aos das plumas.

Figura 5 – Leque “Vegano” de confecção da autora



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Meus leques às plumas tem uma história. As plumas eram da minha avó. Ela e o meu avô tinham uma escola de samba no interior do Pará, na cidade de Cametá, o nome da escola era Verde e Rosa, começou com um bloco carnavalesco em 1989. Minhas plumas vieram desses carnavais e sinto que tenho a missão de mantê-las farfalhando por mais tempo, através do arte da dança com leques e do burlesco.

Minha avó, curiosa sobre o que era esse tal de burlesco, me fez dar a ela a melhor resposta possí-

vel sobre essa arte, para que ela entendesse o meu trabalho e minha pesquisa. Disse a ela que uma artista burlesca é uma mulher que faz carnaval o ano inteiro, com o seu ato de burlar o cotidiano, com o seu brilho ela ilumina reflexões do seu tempo, com suas penas e plumas ela traz leveza e riso para questões que pesam e que permeiam a política, o feminino e os padrões sociais.

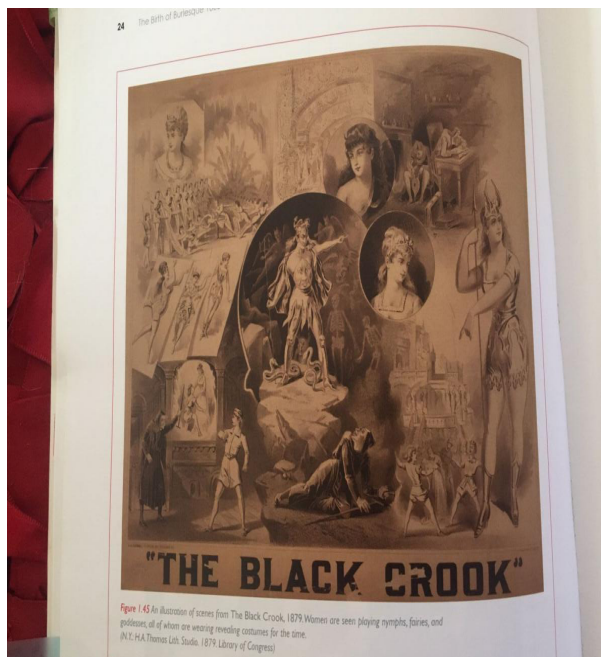
Quando comecei a aprender a dança com leques aos quatorze anos de idade, ao sair das aulas eu ia para as rodas de carimbó dançar despretensiosamente com as minhas amigas. Percebi que o jogo cênico da saia de carimbó, de esconder e se revelar era o mesmo jogo do leque. Não era simplesmente esconder o corpo, mas haviam narrativas secretas ali. No carimbó a saia pode representar várias histórias, ela pode ser a Yara¹¹ sinuosa que se esconde e se revela com as suas saias que são os rios. A saia também pode ser as asas da mulher alada, a Matinta Perera, que ora é mulher, ora é pássaro.

Eu pensava nessas relações e nessas possíveis mitologias com o leque, anos depois ao adentrar o mestrado e estudar mais sobre burlesco percebi o quanto a arte burlesca bebeu das mitologias, das artes visuais, das lendas e da cultura popular de cada local que passou para construir sua burla. Através da minha pesquisa percebo que essas intersecções ajudaram a construir a aceitação nos espaços e criar imaginários na mente das pessoas, como Sally Rand que interpretou Lady Godiva na feira de Chicago e criou um burburinho em torno dela mesma. Ou mesmo a artista Ruby Hoo no Neo Burlesco trazendo a voz da Eva, e da Lilith performando com as costelas de Adão.

Quando observamos fotografias de burlesco entre 1860 e 1920, no contexto Europeu e Americano, pode-se observar a semelhança dessas imagens com pinturas que têm temas mitológicos. Você vê as artistas sozinhas ou em coro e vê uma pintura, a representação de um quadro, de ninfas que brincam com a sua imaginação e te contam uma história que pode parecer do passado, mas que tem detalhes de seu tempo presente. Como exemplificado na **Figura 6**, que é uma ilustração do espetáculo The Black Crook, de 1879, onde as artistas interpretam ninfas, fadas, deusas e usando figurinos bem reveladores para a época.

11 Uma lenda muito difundida na Amazônia sobre uma mulher muito bonita, metade peixe, metade mulher, que protege os rios.

Figura 6 – Ilustração do espetáculo The Black Crook, 1879



mes 1866-2018 (Scott, 2019, p.24)

Baseado nesses estudos das imagens do burlesco aliado às artes plásticas, criei uma performance no ano de 2023, que faz uma alegoria ao quadro “O nascimento de Vênus” de Sandro Botticelli. Nessa performance faço um renascimento burlesco da obra, onde a Vênus para renascer, se despe das suas couraças. Para além disso, essa performance tem outros apontamentos, sendo a mulher burlesca, seu corpo e sua arte a própria pérola. Na **Figura 7** vemos um registro desta performance.

Figura 7 – Performance Vênus Verônica



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Registro feito por Luis Knapik, 2023.

Voltando aos estudos com leques de plumas no burlesco, quando ensinava as pessoas a dança com os leques, ensinava as técnicas que aprendi, mas trazia esse olhar mitológico, esses estudos das imagens, das pinturas e das esculturas, tal qual Isadora Duncan propunha em seus estudos artísticos (Ribeiro, 2019). Aliava também a minha vivência artística no carimbó, nas danças populares que vivenciei, das mitologias e dessa mulher pássaro da Amazônia que pisa no chão, requebra para alçar o seu voo. Observada o colorido dos pássaros e suas danças no céu, sentindo o farfalhar das mangueiras e o perfume de patchouli no Pará.

Para mim, mesmo o leque de plumas tendo chegado a mim, uma adolescente em Belém do Pará como algo de referências europeias e americanas, no meu coração aquela dança tinha uma relação, um eco com os povos originários e com a arte plumária desses povos. Talvez, para esses povos, dizimados, ela viesse de um êxtase baseado em uma conexão real com a natureza.

Existem técnicas da dança e da dramaturgia do leque burlesco em cena. Mas, como artista e pesquisadora de burlesco vejo que essa arte te convida a ir além, a dar um mergulho nas profundezas e esse mergulho vai além das técnicas americanas e europeias desse elemento cênico.

Na lenda da Matinta Perera, é comum relatos se repetirem de ser uma mulher que se transforma em um pássaro, mas também os antigos contam que a

Matinta é na verdade um pássaro que no passado levava mensagens do mundo dos mortos para os vivos, na mitologia dos povos originários.

Quando reflito sobre essas questões rememoro a leitura de Carl Jung no livro: “*O homem e seus símbolos*” (2018) que cita sobre os rituais xamãs onde a sacerdotisa usa uma vestimenta de pássaro. Neste livro, o autor aborda sobre a repetição das mitologias em diferentes culturas ancestrais, dessa mulher que é um pássaro, que traz mensagens de outros planos, povoa o nosso imaginário e como esse arquétipo nos sobrevoa através dos tempos. Percebo que de alguma forma o burlesco com leques resgata esse arquétipo no imaginário, da mulher alada que sobrevoa através dos tempos e nos rememora sobre a brevidade da vida.

Quando li o artigo de Helmut Schindler, citado anteriormente neste trabalho, sobre os leques desenhados por Tommaso Borgione em 1644 que colocava leques de penas nas mãos de dançarinos fantasiados como índios, me questionei se não seria uma representação na europa de alguma dança com leques de penas e plumas que poderia ter existido nos povos originários das Américas. O povo foi sendo dizimado e a dança perpetuada aos moldes do colonizador nos teatros da europa, até ser representada posteriormente nos teatros de revista. Citados anteriormente, nos quadros *Fantasia*, como uma viagem a um lugar “fantástico” (ou que você poderia conhecer como “o novo mundo”). Até que um dia, uma bela moça loira¹², de olhos azuis, que poderia ser uma Madalena ou um anjo dos altares sagrados católicos, avança a linha das coristas e sugere burlar as leis americanas em 1930 com a sua dança solo, com grandes leques de plumas ao som de bolero de ravel.

Hoje sabemos através de alguns estudos e pesquisas acadêmicas o quanto o Brasil influenciou a Europa, como por exemplo: o caldeirão da bruxa européia que só começa a aparecer nas imagens depois que os europeus tiveram contato com as índias tupinambás¹³. Sendo o caldeirão um elemento imagético importado das índias tupinambás brasileiras para as bruxas européias. Sabemos também da

habilidade dos tupinambás no manejo da arte plumária e dos mantos de penas e plumas espalhados por museus na Europa, sendo que um voltou para o Brasil esse ano de 2023, graças à luta dos povos indígenas brasileiros¹⁴.

A partir dessas reflexões e informações me questiono sobre a dança com leques de plumas, que tem se perpetuado como algo americano, europeu, com mulheres brancas, lânguidas, dançando ballet com o leque. É essa dança que retorna para o Brasil no teatro de revista com as *girls* e as vedetes, e que depois retorna ao nosso imaginário através dos filmes de Hollywood e das novelas da Globo. Uma dança que visa representar algo exótico com mulheres brancas cheias de penas e pernas altas.

Lembro de quando me mudei para a região Sul, trazendo na bagagem todos esses leques de histórias, vivência e possibilidades e das dificuldades que passei sendo uma mulher artista da Amazônia lidando com o instinto colonizador de algumas pessoas que ficavam impressionadas em como “existe cultura e civilização na região Norte”, e também como dentro disso às vezes havia a apropriação do meu trabalho e a minha completa exclusão. Se isso ainda acontece comigo atualmente, a história nos mostra como eram violentas essas questões no passado, onde comunidades inteiras desapareciam.

E é assim que tenho feito burlesco atualmente, através de mergulhos profundos no meu íntimo. Mergulhos que também anseiam resgates históricos. Onde a imaginação e o movimento voam e farfalham! Redesenhando por cima desses apagamentos históricos, levantando questões, apreciando os silêncios e namorando perguntas. São asas que dançam na mente, no palco e na sala de aula. Costumo dizer que vou te ensinar o burlesco clássico com os leques de plumas, o burlesco “colonial” e depois vou te mostrar essas técnicas com um olhar decolonial, para então, entrar em como burlar tudo isso. Na **Figura 8** temos um exemplo de burlesco decolonial, onde a autora mistura o Carimbó, dança popular do Norte do Brasil, e o Burlesco clássico.

Figura 8 – Performance *Carimbóção: Experimentos cênicos com burlesco, carimbó e leques de plumas*.

12 Foi creditado a Faith Bacon o primeiro registro de uma apresentação em solo com leques de plumas dentro do burlesco.

13 Ver imagens da mulher no livro “*Imagens da Mulher no Ocidente Moderno: Bruxas e Tupinambás Canibais*” (2021) da autora, doutora pela USP, Isabelle Anchietta.

14 Ver a notícia em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/10/15/a-volta-do-manto-tupinamba-como-indigenas-da-bahia-retomaram-peca-sagrada-que-so-era-vista-na-europa.ghtml>>. Acesso em: 3 ago. 2023.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Festival Yes! Nós temos burlesco, 2019. Registro Facuriam.

5. Conclusão. Haverá algo ainda a ocultar? E a ser revelado?

Por isso acredito que ainda há muito que se pesquisar sobre a dança com leques de plumas no burlesco, principalmente no que se refere a descortinar essas histórias de como o Brasil pode ter influenciado a dança com leques de plumas e burlesco europeu em tempos longínquos. Sabe-se que muitas artistas que vieram para o Brasil no período da *Belle Époque* traziam suas artes de cabaré, seus burlescos e mostravam suas pernas por dentre os babados do *cancan*. Muitas delas tinham uma curiosidade e fascinação pelas artes locais, indígenas, africanas e mestiças se misturando com elas. E ao retornar aos seus países era cobrado delas que mostrassem um pouco do que viram no “novo mundo”, no “velho mundo”.

Ao pesquisar a dança com leques no mestrado e manter viva essa pesquisa posteriormente buscando cada vez mais referências e entendimentos percebo que essa dança nunca foi só e somente sobre mostrar o corpo nu de uma mulher, ou ter uma conotação erótica de excitação sexual. Mas que ela se mantém viva até os dias atuais dentro do burlesco porque ela nos conecta a algo sagrado, de liberdade, de repente você não é mais só uma mulher submissa às regras da sociedade e do patriarcado. De repente você é uma Matinta Perera, uma mulher

alada que encontra algo, uma arte, uma prática que faz você se sentir poderosa para sobrevoar essas questões, não sentir medo de se expressar, que te inspira a olhar para a história de várias mulheres do passado que burlaram os papéis sociais imposto a elas e escreveram a sua própria história, com dores, suor, sangue, brilho e plumas!

Escrevo isso dessa forma e me incluo nisso, pois encontrei formas de burlar a apropriação, a exclusão do meu trabalho em alguns espaços e encontrar formas de viver da minha arte. Essas histórias, essas mulheres também me inspiram, inclusive a escrever uma dissertação de mestrado e a escrever esse artigo, pois vejo que são novos canais para levantamentos e discussões sobre o fazer artístico e a arte burlesca. E principalmente: não deixando na mão de autores terceiros a minha história e vivências com essa arte.

Sobre o jogo burlesco de esconder e mostrar, atualmente percebo que o esconder está em crise. Nossa geração mostra demais, nesse aspecto partilho do pensamento do filósofo sul coreano Byung-Chul Han que fala que cada vez mais nossa sociedade está se tornando *datassexuais*¹⁵, ele também diz que:

O smartphone é o artigo de culto da dominação digital. Como aparelho de subjugação age como um rosário e suas contas; é assim que mantemos o celular constantemente nas mãos. O like é o amém digital. Continuamos nos confessando. Por decisão própria, nos desnudamos. Mas não pedimos perdão, e sim que prestem atenção em nós (Byung-Chul Han, entrevista para o *El País*, 2021).

Reflito sobre dois impactos do uso dos smartphones e das redes sociais para o burlesco diretamente. A primeira é o excesso de trabalho, pois muitas das artistas são autônomas e sentem a ne-

¹⁵ Datassexuais: pessoas que compliam e compartilhavam obsessivamente informações sobre sua vida pessoal (Byung-Chul Han, em entrevista para o *El País*, 2021).

cessidade de alimentar as suas redes, então pergunto: como saber o limiar de quando você parou de trabalhar? Além dos infundáveis materiais de outras artistas rolando, que facilmente entram em uma relação tóxica de comparação ou pior: a cópia do trabalho de outra pessoa, sem dar os devidos créditos e fazendo a arte do burlesco perder a sua identidade de ser singular, única e especial. Ainda sobre o uso das redes sociais e o trabalho das artistas burlescas muitas sofrem retaliação¹⁶, quanto mais pele você mostra, menos a rede envia os conteúdos para a audiência.

Outra questão é que o impacto de se despir no passado é muito diferente do impacto atualmente. O que burlamos hoje quando despimos o nosso corpo? Creio que apesar de muitos ainda estarmos reféns e com o rosário chamado celular na mão o tempo todo, através do burlesco temos a possibilidade de mostrar um corpo real, em uma sociedade que está cada vez mais cheia de filtros de aplicativos, onde muitas pessoas fazem cirurgia plástica para parecerem com o filtro do celular¹⁷.

Creio que uma das maiores burlas na contemporaneidade é celebrar a diferença dos corpos e apreciar a beleza única de cada um. Um corpo que brinca, que ri, que se diverte em cena sendo tudo o que puder ser, um corpo que vive suas fantasias e que busca olhar para dentro de si mesmo descortinando e despindo as suas couraças. Um corpo leque, potente que se abre e grita **vráá!** Um corpo que se descortina e mergulha nas suas possibilidades.

6. Referências Bibliográficas

¹⁶ *shadowbang*, que é o banimento de usuárias e a ocultação de postagens no *Instagram*. As *hashtags* utilizadas por *pole dancers*, burlescas e artistas que trabalham com a sensualidade foram bloqueadas da rede social.

¹⁷ Informação oral, podcast: <<https://www.youtube.com/watch?v=gt4ZWQIWDMI>>.

A distorção da autoimagem nas redes sociais, Podcast Não Ficção de Atila Iamarino: <https://www.youtube.com/watch?v=gt4ZWQIWDMI>

ANCHIETA, Isabelle. *Imagens da mulher no Ocidente Moderno 1: Bruxas e Tupinambás Canibais*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (USP), 2021.

CONCEIÇÃO, Giorgia (Giorgia Barbosa da Conceição Saidel). *A burla do corpo: estratégias e políticas de criação*. 2013. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Programa de pós-graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. 111 p. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27102>>

Acesso em: 15 jan. 2020.

HAN, Byung-Chul. “O celular é um instrumento de dominação. Age como um rosário. Entrevista para o EL PAÍS, 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/cultura/2021-10-09/byung-chul-han-o-celular-e-um-instrumento-de-dominacao-age-como-um-rosario.html>>. Acesso em: 19 jul. 2023.

HARRIS, Moira F. *Fan My Brow with a Feather. Form, Function, and Fashion in Minnesota*. Minnesota History, 2014.

JUNG, Carl G. *O homem e seus símbolos*. Conceição e organização Carl G Jung; tradução Maria Lúcia Pinho. 2 ed. especial. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2018.

LOWE, Jim. *Barefoot to the Chin: The Fantastic Life of Sally Rand*. Colaboração de Bonnie Egan. 1. ed. Tallahassee: Sentry Press, 2018.

MALCHER, Ana Carolina Castro. *VRÁÁ! Um leque de possibilidades: O uso do leque de plumas no burlesco*. 2021. Dissertação de mestrado em teatro - CEART - Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC). Florianópolis/SC.

RIBEIRO, Almir. *Depois de Isadora Duncan nunca houve tanto mar*. São Paulo: Giostri, 2019.

RHEAD, George Woolliscroft. *History of the Fan*, 1910.

SCOTT, Coleen. *The Costumes of Burlesque: 1866-2018*. 1. ed. New York: Routledge, 2019.

SCHINDLER, Helmut. Plumas como enfeites da moda. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, 2001.

VENEZIANO, Neyde. *Não Adianta Chorar*: teatro de revista brasileiro. Oba! Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

WELDON, Jo. *The Burlesque Handbook*. New York: HaperCollins Publishers, 2010.

ZEMECKIS, Leslie. *Feuding Fan Dancers*: Faith Bacon, Sally Rand, and the Golden age of the show-girl. Berkeley: Counterpoint, 2018.

Recebido: 21/09/2023

Aceito: 05/10/2023

Aprovado para publicação: 18/11/2023

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License 4.0 International. Available at: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

Ce texte en libre accès est placé sous licence Creative Commons Attribution 4.0 International. Disponible sur: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.